



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

18 DE MARÇO DE 1961  
ANO XVII — N.º 444 Preço 1\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO \* PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA \* DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA \* AVENÇA \* QUINZENÁRIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



Sorriso nos lábios; mãos traçadas; capa no braço — eis o Pai Américo!



## FACETAS DE UMA VIDA

Mês e meio depois, em 1-7-27 temos nova carta. São «duas linhas, muito à pressa». Mas ele aproveita-as bem para pôr, com o génio de síntese (que seria uma das marcas do seu estilo literário) a essência do pensamento que estrutura os grandes grupos religiosos.

Sempre a mesma preocupação de trazer o Amigo à Verdade o anima e o havia de animar até o fim, até à morte, após a qual o Amigo, enamorado de há muito, entendeu o mistério de Cristo.

S.,  
Obrigado pelos 6 números da Magazine, que chegaram bem acondicionados. Afinal a revista Estudos não tem saído coisa em termos de lhe mandar, mas vai hoje um livro com uma série de conferências feitas em 23 na S. de Geografia de Lisboa por um lente desta Universidade, que eu anotei e sublinhei com muito interesse e peço-lhe que com idêntico espírito o leia. A filosofia é um pouco mais «filosófica» do que Marden, por isso é necessário haver mais recolhimento da sua parte, para que o espírito a apreenda. Depois de ler (pode também anotar e sublinhar o que daria mais interesse e valor ao livro para o fim que

o desejo), mande ou traga quando vier, pois desejo mandá-lo também a meu irmão Jaime, a quem já o anunciei. O trecho do livro é isto: O segredo do mundo e da vida. Os Enciclopedistas (Voltaire, Renan, Collins, Hobbes etc.) propuseram-se desvendá-lo à luz da razão pura, e não o conseguiram. Depois veio a ciência dizer que o faria, e não o fez. Subsiste sempre o grande mistério, que o autor aliás, apresenta com muita luz, ainda que isso lhe pareça paradoxal.

Mesmo a vida íntima das grandes religiões fixadas, S., gravita à roda do mistério

Continua na página três

# Calvário

A Senhora Orinda foi ocasião de muita vibração dentro e fora da nossa Casa. Ora fazem favor de ler esta carta póstuma que tenho em mãos:

«Senhora Orinda

Já que tem a graça de ser assim como o Senhor Padre conta, peça por nós que ignoramos ainda o valor dessa oblação tão rica de dores, de completa entrega. Eu sei quanto se sofre com a doença que a consome, eu sei — minha mãe sofreu muito! E, por isso, eu sinto-me confundida em a saber assim heroica, rejeitando tudo que possa minorar as dores que sofre, sorrindo. É o Senhor que a santifica nessa cruz que aceita e agradece. Como nos sentimos pequeninos perante tanta grandeza, nós que desejamos ser mais perfeitos em cada dia que passa e é tão pouco o que conseguimos! Peça por nós. Por nós, que pedimos ao Senhor saúde como um bem inestimável, que não sabemos agradecer, oferecendo-Lhe todo o nosso esforço, a nossa vida, que é d'Ele, afinal!

Veja bem quanto preciso de suas orações: eu que todos os dias peço ao Senhor, que me dê a graça duma renúncia total, e sei que tantas como eu o têm feito, ainda não pude fazê-lo, e porquê? Porque, como nunca eu compreendo o Jovem do Evangelho, não pela riqueza que não tenho nem quero, mas pelos laços que me prendem ao mundo, à família, os pequeninos sobrinhos que estimo tanto, tudo o que torna a vida agradável. Eu vi a OFERTA de oportunidade para uma senhora perder a vida no Calvário ao serviço dos doentes. Li o vosso jornal e pensei — como seria bom se pudesse ser eu!

Que o Senhor a ampare sempre com a Sua Graça e aceite o seu sorriso na dor como bálsamo para as feridas que nós Lhe fazemos.

Junto pequena importância para qualquer desejo que tenha. E peço-lhe que desculpe a permissão de lhe dar um beijo.

Duma filha que muito amou sua mãe».

Esta carta foi o primeiro donativo. Mas vem logo outro, não menos rico:

«Sou assinante que fui aumentado em 100\$00. Durante um ano vou enviá-los para o Calvário pelas melhoras de minha mãe».

A beleza no mundo é participação da eterna Beleza de Deus, e nunca por conseguinte se extingue! Esta coluna é feita de pinceladas fulgurantes que nos extasiavam. Mais outra:

«Envio 500\$ para o Calvário

para assinalar o nascimento do meu primeiro neto. Não desejo publicidade. Basta a satisfação de quem dá em poder valer a quem precisa. É tão belo dar! Mas muito mais saber dar! Aprenda o mundo, que aqui desfilam mestres. Dar, porque temos muito, não presta, nem interessa aos outros, embora o mundo cuide e diga que sim. Dar, porque precisamos de dar, vale, — e só desta maneira a todos aproveita. Ora vejam, como este senhor sabe: «Pedia o favor de aceitar o vale que envio para os doentes do Calvário. Agradecido». E mais outro: «Prometo sempre que tenha forças para me privar de alguns bens materiais enviar donativo para o Calvário. E que por ele eu seja mais forte na fé».

Os donativos seguem muito certos e todos muito ardentes. Continua na segunda página

# FESTAS

A epígrafe tem de ser assim. Coliseu já não dizia tudo, porquanto Coimbra, Lisboa e Setúbal não querem ficar atrás e começaram a reclamar a sua Festa. Em Lisboa e Porto até já havia marcações de bilhetes e ainda o dia não fora marcado!

Pois Setúbal, Lisboa e Coimbra serão satisfeitas.

Os Padres da Rua em sua Reunião mensal de há dias acertaram os pormenores: Este ano cada Casa tratará da sua Festa, fazendo-se representar nas outras por um pequenino grupo actuante nas Variedades.

No que me diz respeito mais de perto — o Coliseu do Porto — posso levantar uma pontinha do véu sobre as actividades do Américo, nosso Empresário e Director do Espectáculo. Digo uma pontinha do véu, porque a substância até a mim me é vedada — vejam lá os senhores! Com efeito, há dias, Américo proibiu-me formalmente de pôr pé nos ensaios — nomeadamente dos «batatas» — antes do ensaio geral.

E eu obedeco com muito gosto! Mais que fazer não me falta! No entanto, a curiosidade espevitou seu pedacito e conseguiu de uma «quinta coluna» muito discreta algumas informações: A primeira parte do espectáculo será preenchida pelo grupo cénico. A segunda pelo Calvário, a que se seguirá a apresentação das oito Casas e Lares do Gaiato.

É muito pouco..., mas tem de remediar por ora! E eu prometo aos Senhores ir contando o que apurar.

E agora façam o favor de puxar pelas agendas e de assentar:

Coliseu do Porto — 27 de Abril, às 21.30.  
Avenida de Coimbra — 1 de Maio, às 21.30.  
Império de Lisboa — 16 de Maio, às 18 horas.  
Luísa Tody de Setúbal — 17 de Maio, às 21.30.

# Cantinho dos Padres da Rua TORRE DE LONDRES

A Senhora Orinda, doente cancerosa, partiu. E com a partida findou o doloroso penar que tão heróicamente soube oferecer ao Senhor. Peço-vos que a tenhais muito presente no altar. É o local do nosso verdadeiro e melhor encontro. Nós vivemos em comunhão de santos. Carecemos uns dos outros; mas também igualmente uns dos outros beneficiamos. Ouvi o que esta doente me segredava já moribunda: —«Senhor Padre, logo que eu chegue junto do Senhor, apresentar-Lhe-ei esta Obra e quantos nela vivem».

Sintamo-nos, pois, felizes! Muito! Certezas destas insuflam-nos coragem e muito alento, para amar com mais veemência os abandonados.

De todos muito amigo,

Padre Baptista



A Senhora Orinda

Recreando o espírito e procurando cultivar-me um pouco, como é propício nesta grande cidade, queremos dizer aos queridos leitores que, se um dia puderem, visitem esta grande nação e esta capital com seu estilo tão castiço. A cultura que o povo manifesta, a delicadeza, a pontualidade que é uma coisa que ressalta de entre muitas coisas boas. Até o característico «fog» é belo e nos diz que é uma cidade diferente. Cada

recanto nos fala da história de seus Reis. De nomes e homens grados. Das lutas pela liberdade dos povos. Em suma, Londres é realmente uma cidade com vida, com alma.

E, com este minúsculo preâmbulo vamos ao que realmente mais interessa e o motivo que nos trouxe a este grande centro do mundo.

x x x

Visita ao «Times». Proporcionada pela Monotype School, fomos visitar este baluarte da Imprensa londrina.

Muito encantados com tudo que nos foi dado ver e que, além de nos sensibilizar profundamente, contribuiu um pouco para a nossa instrução. Amamos muito a Imprensa e tudo o que com ela se relaciona; por isso aproveitamos religiosamente estas oportunidades que se nos deparam e que são, na realidade, muito raras.

Vimos um magnífico e bem elaborado filme da história deste grande jornal, tão grato ao povo londrino, pois a ele está ligado por fortes laços, e com ele vive. É uma das belas páginas da História nacional da Imprensa.

Foi à noite, para podermos apreciar todas as secções em plena laboração. O «Times» é um colosso de organização. À primeira vista tudo nos parece confuso, mas, com um pouco mais de atenção verificamos com grande facilidade que não há uma vírgula fora do seu lugar, como se diz-se na gíria da imprensa! Para tudo há um lugar. Só nós estávamos ali a mais!

Os numerosos teleimpressores em contínuo funcionamento, trabalhando com todas as partes do mundo, para as bastas e diárias edições. A atenção do manager para que ficássemos inteirados de tudo. A enorme biblioteca. A composição com as suas Typeseters, Inter e Linotypes, ao todo 40 destas maravilhosas máquinas. A que nos prendeu mais a atenção, foi a Typeseter que é realmente para jornal, uma máquina extraordinária. Não nos podemos alongar com explicações técnicas por não termos espaço, para que o leitor ficasse a fazer uma ideia do que são os modernos processos.

A Monotype tem aqui o seu

## CALVÁRIO

Continuação da 1.ª página

«Portuense qualquer» não se cansa de aparecer. Bem haja de Deus. Alguém de Mondrões findou a Via Sacra com 100\$. Quem deu a Casa «Ouvi-me Senhor» tem vindo todos os meses com lembranças. Pais saudosos pelo falecimento da filha aparecem também. Duas irmãs muito amigas vêm com 500\$. Pelo Espelho da Moda passam anónimos. E pelo Calvário desfilam amigos provados. Muitas parcelas variadas aqui chegam! Ele é de Braga, 120\$00. Do Lobito 130\$00. Do Porto 100\$. De Odivelas outro tanto. De Vilas Boas 400\$. De Avelal quatro vezes menos. De Coimbra 50\$ prá doente que trata da Gracinda. De Viana 50\$. De Serpa o dobro e de Ilhavo outra vez metade. De Viseu 30\$. De Ponta Delgada 40\$. De Freiras 100\$.

Assinantes — e são muitos! — com o excendente ao pagamento do jornal. Outros nem falam do jornal, é tudo prático.

Doadora de sangue vem todos os meses muito alegre. Virgínia com 50\$. E com igual quantia alguém diz que teve bom êxito numa operação. Mercedes do Porto 500\$.

Anónimo com 1.000\$ «para a tocante obra do Calvário». Dinamarquês amigo dos gaiatos com 100\$00. «Pobre pecadora» com 20. «Doente para doentes» com as migalhinhas mensais.

«Por alma dos meus entes queridos, 50\$». Assinante amiga vem contente com 300\$ em poder cumprir promessa. E mais riqueza e mais alegria: «Envio promessa respeitante a metade do aumento de ordenado». É de Gondomar.

«Para uma velhinha do Calvário» mais carinhos. São roupas. Um chaile. Donativo para um cobertor. Remédios.

E torna o Porto, Rua Nau-lila, com 500\$. Cacilda com 30\$. Quem muito carinho tem pelo Calvário 20\$. Celeste de Lourenço Marques com 1.000\$. Albano do Porto com 200\$. Aurea da mesma nobre cidade com «pequena oferta por alma do marido». Tobias com 300\$, para melhorar a nossa ceia. M. Amélia de Lisboa com 50\$.

M. Vitória do Porto com o dobro pelo marido. Artur com 20\$. Maria da Saudade e irmã com 100\$. Emília de Gaia com 200\$ e desculpa de vir tarde. Albano de Lordelo com metade. Maria de Carrazedo, com outro tanto, pede orações. Não sei bem donde 400\$ por um amigo. Por alma dos avós aparecem aqui netos amigos. Mais alentejana com um chaile quente. Viúva de um assinante envia o produto da venda de objecto de ouro. E de Lisboa vem uma pulseira com 500\$ juntos de quem deseja o triunfo da Verdade. M. L. com 340\$00. Filha que nunca esquece os pais vem aqui lembrá-los. Raúl do Porto com 100\$. Anónimo com 200\$. E outro tanto «com desejo de aliviar os doentes».

E a Mão da Providência não quis até hoje receitas certas para estes doentes. É só.

Padre Baptista

## CASOS DO MOMENTO

Cozinha, cozinheiro e lenha. É da cozinha que saem murmúrios, ralhos, queixas, e por vezes dissabores. As pessoas que nos visitam, chegam ali e ficam admiradas com as grandes panelas. Meia Lua, foi para a tropa, e Jaime é o «mór». Tem cumprido tanto no horário como no gosto. Mas tem lutado com um pouco de dificuldade. É a lenha. Ele tem rabuscado quantos cantos há, à procura dela. Outro dia, vi-o a sair da oficina de sapataria com um saco às costas. Achei estranho e fui ver: Era um saco de formas velhas. Vejam lá os senhores onde é que isto vai parar se não houver outra lenha!...

Era domingo. Os rapazes estavam no campo de jogos. Entre eles estava o Guilhufe. Nisto passam alguns batatas em direcção ao muro que cerca a nossa aldeia. Guilhufe, vê o perigo, e diz a um outro: «Vai tirar os miúdos da beira do muro, porque podem cair». Daqui a melhor espada, o cutelo mais aguçado para a conquista da educação. O Amor é a base. É neste ponto que vai a lição: o zelo do maior para com o mais pequeno.

Quantos «pequenos» estão junto de precipício, e os «grandes», passam, olham, e seguem indiferentes.

No refeitório todos escondem os maus humores. Desta vez a voz do Quim fez-se ouvir em silêncio. «Comeis a boroa e a sopa que quiserdes, que o conduto não o cheirais». Esta sentença foi dada aos que

se descuidaram das suas obrigações.

Aqui não há o «pão e água» tão cruel que noutros lados ouvi pronunciar e vi cumprir.

Laranjas. Laranjeiras e a tentação. É justo que aqui fale da fruta e do brio dos que olham para ela, são tentados e sabem vencer essa tentação.

Ora, as laranjeiras e tangerineiras novas, estão mesmo lindas. A própria cor da fruta, é uma tentação. Quando foram plantadas, sabia-se disso. A fruta na nossa quinta, é uma força de educação. Este ano, ainda não sei de que houvesse nenhum tribunal por via das ditas. É de louvar a força de vontade daqueles que passam debaixo delas, e têm a força de resistirem.

Manuel Preto é vendedor do Famoso. Desta vez, foi descalço para o Porto. É uma frieira no pé que não o deixa calçar os seus sapatos. Ora, ele é dos mais aferroados vendedores, e por isso o Alberto deu dinheiro para uns sapatos de lona, e eu fui com o Manuel comprá-los. Quando estava a «regatear» o preço, um senhor que de lado ouviu pronunciar o nome de Gaiato, meteu a mão ao bolso e tirou cinco escudos «para a ajuda dos sapatos».

Ernesto Pinto

VISADO

PELA CENSURA

## COLISEU DO PORTO

27 DE ABRIL — ÀS 21,30 HORAS

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda: dias úteis no Espelho da Moda, Rua dos Clérigos 54; e todos os dias nas bilheteiras do Coliseu do Porto.

## TEATRO LUISA TODY — SETUBAL

17 DE MAIO — ÀS 21,30 HORAS

CAMPANHA DE ASSINATURAS

# Atenção, Madeira!

**A VOZ DOS LEITORES:**  
Recebemos do Funchal um grito de alarme que somos obrigados a pôr na dianteira. Aqui está:

Envio estes novos assinantes (4), a ver se o Funchal começa a marcar presença mais regular. Apetece-me gritar aos meus conterrâneos: Isto não pode ser! Nós estamos deixando no esquecimento, a nossa inesquecível terra.

Se puder era favor enviar «O Gaiato» desde Janeiro. Mas façam-no o mais breve possível, pois eu, à espera de algumas respostas, demorei uns dias e já perguntam quando chega o tão famoso «Gaiato».

Vamos ver se a Madeira desperta! Vamos ver! Se não, esta madeirense estoira — por via do seu acendrado bairrismo em prol do Famoso.

Mais uma carta; vem de Lourenço Marques, onde o Famoso é lido e relido e saboreado por milhares de Amigos:

Regressei há pouco da Me-

lugar, com uma secção completa que nos maravilhou. São 27 teclados e 14 fundidoras, todas trabalhando. Enfim, um mundo de belo e incomensurável sonho.

A esteriopatia nunca para. A máquina de impressão é uma pequena cidade, com sua central eléctrica, para a impressão de 36 páginas diárias e um milhão de exemplares, que leva Londres a todos os cantos do mundo. São 600 as pessoas que diariamente dão generosamente o seu esforço para que não falte nada às suas edições.

Metade dos capitais da empresa são da Monotype, que é uma das organizações mais fortes e mais acreditadas de Londres.

x x x

O Povo inglês é muito culto. Não é preciso muito esforço para chegarmos a esta conclusão. A tiragem dos seus jornais é enorme. Só o «Daily Telegraph» tira três milhões de exemplares por dia. A Imprensa é acessível e todo o povo lê, desde os pequenos escolares até às pessoas mais idosas. Dois minutos, 5, 6... no Metropolitan, no bar, no comboio, um momento que seja, é aproveitado para dar uma vista de olhos ao jornal, para desfolhar um livro. O tempo é bem aproveitado e a calma e aparente indiferença é bem mais rendosa do que à primeira vista parece. As horas são respeitadas com todo o rigor. Sobretudo a pontualidade dos meios de transportes, sob uma organização estupenda.

Daniel

trópole, onde estive de licença graciosa, tendo-me então sido entregue um postal referente ao querido «Gaiato» a fim de actualizar o pagamento da sua assinatura. Acontece sobre este caso uma coisa interessante. O assinante, J. C., salvo erro, morava na casa sita na Av. Latino Coelho, para onde eu fui morar e aí recebia o jornal. Não conheço o paradeiro desse senhor, presentemente, embora durante muito tempo eu fizesse com que o jornal lhe fosse entregue. Também não sei em que situação se encontra perante o jornal, pois não sei qual o tempo em dívida.

Desejo então que de futuro o jornal seja enviado para a minha pessoa e para pagamento da sua assinatura remetido junto a importância de 100\$00.

Isto é de facto uma coisa interessante: como Deus escreve direito por linhas tortas! Repararam de como este nosso Amigo já não pode deixar a companhia do querido «Gaiato»? Não há dúvida, todos os caminhos vão dar a Roma...

**PORTO/LISBOA:** Não sei porquê, esta quinzena os ânimos baixaram mais um nadinha entre lisboetas e tripeiros!

Mas, no entanto, aí vão dois testemunhos do fogo que arde no coração dos mais apaixonados.

Demos a palavra à Capital:

Agradeço o postal, assim como as informações nele prestadas.

É com o maior prazer que junto envio um vale para pagamento da primeira anuidade da assinatura do vosso jornal, paladino da Obra que tanto admiro.

Não envio tanto quanto desejaria, mas quem dá o que pode não é a mais obrigado.

Como o faço da melhor vontade, resta essa consolação.

E como grão a grão enche a galinha o papo, só faço votos para que outros, pelo menos, façam o mesmo que eu agora estou fazendo! Não seria nada mau se todos os que realmente podem mais do que eu contribuissem anualmente para ajudar tão prestimosa Obra.

Que grande homem era o saudoso Padre Américo!

Era de muitos destes Padres que Portugal muito necessitava!

Paz à sua alma!

Força de vontade e espírito de sacrifício para os que o continuam!

Pela carta, deduzimos ser velho amigo da Obra — mas novo leitor do Famoso. E estamos certo que, futuramente, será ainda maior a sua paixão pela Obra da Rua — quanto

mais ler e reler «O Gaiato».

Atenção! Fala o Porto:

Sou uma leitora do vosso jornal e sei portanto quanto é necessário arranjar assinantes. Contudo ainda não obtive mais que um, pois não tive ocasião de falar em tal assunto com pessoas amigas. No entanto, como esta deseja ansiosamente recebê-lo, apesar da sua condição humilde, pedia o favor de o enviarem.

Sempre os Humildes na vanguarda! E vamos lá ver, estimada leitora, se anima um pouco mais os senhores do Porto. Se não...

**DO MINHO AO ALGARVE:** Muitas cidades, vilas e aldeias, trabalhando afinadamente, não admitem que as duas maiores urbes do país — Porto e Lisboa — lhes roubem a camisola amarela.

Pra começar o desfile temos Bragança que diz: «No momento presente só me foi possível angariar estes assinantes. Se o meu desejo se realizasse, iam dezenas e dezenas delas, mas...» Despertem um pouco mais, senhores brigantinos! A seguir Vila Real. Depois, Padronelo. E Covas do Douro, Longra, Cête (aqui ao pé da portal...) e Valongo — que merece uma saudação especial. Mais Pedrouços (Areesa). E Anta (Espinho), que afirma: «Como já enviei a minha lista, com os poucos que me foi possível, tenho o prazer de enviar mais este que, sendo pobre, não pôde vir mais cedo». Ora desculpe, prezado amigo; deveria mas é ter vindo logo, que «O Gaiato» é pago pelo leitor quando, como e se puder. O que é preciso, indispensável, é ler e saborear o Jornal. O resto, vem por acréscimo.

E o desfile segue cheio de entusiasmo! Mais Alviães (Pinheiro da Bemposta) e Ovar e Aveiro (que não desanima!) e Loriga e Olho Marinho e Besteiros (Tomar) e Rossio ao Sul do Tejo. Mais Ereira (Cartaxo), Amadora, Torres Novas e acabamos em Faro, donde alguém avisa: «É favor enviarem o Jornal com a minha direcção completa para evitar extravios ou retenção no correio o que deveras lamentaria pois gosto imenso de ler «O Gaiato».

**ULTRAMAR:** Angola, desta vez, passou as palhetas a Moçambique. Estou admirado. Os senhores angolanos despertaram e não querem segundos planos. Assim, sim! Temos, em frente, uma lista mui recheada, com 12 deles, obra do assinante 17544. É um apaixonado. De certeza! Tanto, que foram mesmo os propostos quem subscreveram — pelo seu punho — os nomes na lista. Isto



## FACETAS DE UMA VIDA

Continuação da 1.ª página

da existência e assim: ou seja que consideremos a vida permanando de uma Necessidade Absoluta — e então viver bem será a negação de todo o esforço e o aniquilamento de todos os recursos da alma e aqui tem o Nirvana dos milhões do Oriente; ou seja que a consideremos permanando de uma Vontade Absoluta — e então viver bem será «deixar viver» nos braços do fatalismo, e esta é a divisa dos milhões de Muçulmanos; seja mesmo que nos consideremos como fazendo parte do Mundo Físico — e então viver bem será entrar na ordem universal das coisas pela renúncia à dor, fingindo que a não sentimos, e aqui lhe apresento o lema dos Estoicos;

seja ainda que nos tomemos na conta de seres provenientes de uma Bondade Livre — e nesse caso a generosidade pela libertação do egoísmo será o sentido recto da vida, e aqui tem a filosofia do cristianismo; seja finalmente o que quiser, no fundo temos sempre e em tudo o mistério. O conferencista não lhe diz isto, mas digo-lho eu para que você melhor compreenda o mistério da vida cristã de que ele trata.

Se vier este ano avise-me com bastante tempo para eu me preparar e ir ao seu encontro. Como o ano passado, também este vou um mês para a Figueira e depois por aqui passo o tempo.

Saudades a todos do seu,

Américo Aguiar

# Africa

*Aquele breve período em Angola antes da visita à Cela proporcionara-me o contacto das opiniões mais díspares sobre o Colonato. Antes, como ali mesmo, cheguei a ser procurado propositadamente por gente que — de boa ou má fé, não sei! — desejava informar-me.*

*Este facto, em vez de produzir em mim preconceitos, deixou-me mais independente para julgar e mais curioso para observar.*

*O leitor que se recorde da crónica anterior tem, certamente, uma imagem agradável do Colonato:*

*Beleza; bom clima; razoável fertilidade; nada más perspectivas de comunicações; acerto progressivo na escolha das culturas mais vantajosas, fruto da experiência de alguns anos; superação das dificuldades mais urgentes na colocação das colheitas — não há dúvida que no aspecto puramente material o panorama é apetecível e animador. No entanto... as opiniões são díspares sobre um objecto que*

*nos parece quase indiscutível! E, mais do que as opiniões, a reacção dos colonos nem sempre é a que aquele conjunto de qualidades expostas nos faria esperar.*

*Encontrei ali, muitas vezes, Pai Américo: o seu pensamento, dito e realizado por lemas simples, como «obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes», como «obra de doentes, para doentes, pelos doentes»...*

*Encontrei-me com o testemunho por ele revelado (e por nós experimentado), daquele pedagogo brasileiro, que percorria a nossa Aldeia entre ah! de espanto: «Como estes rapazes parecem felizes! Nós, lá (no Brasil), com brinquedos caros não conseguimos dar-lhes tal satisfação!» Assim como me encontrei com o célebre juízo de outro pedagogo (este suíço, se me não engano), após a visita à nossa Casa: «Isto é uma desorganização organizada!»*

*Não há dúvida que todas as obras feitas para o homem, por amor do seu bem, não o podem esquecer ao longo da sua realização. Não lhe podem reservar um papel passivo, antes não de aproveitá-lo ao máximo para a consecução dos fins que devem traduzir-se no seu próprio bem. E ainda assim, em Obras paralelas quanto ao fim, nem sempre o paralelismo se pode observar a respeito dos meios, dado que os destinatários do mesmo bem não se comportam imediatamente diante deles de forma igual.*

*Pensar um Colonato, e tudo o que ele materialmente representa de elevação para os homens a quem o seu benefício é oferecido — pode ser um acto comum em qualquer latitude.*

*Realizá-lo para dinamizá-*

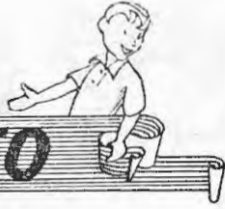
é importantíssimo. Revela que não são prováveis leitores. São-no de facto. Pois Angola marca presença ainda com mais uma lista de 9, com assinantes de Carmona e Luanda.

Moçambique aparece com gente fresca da Beira e Lourenço Marques. A propósito: uma carta da capital da Província, plena de amor pelo «Gaiato», traz uma ralhadeira justa e mui simpática, que Senhor Padre Carlos vai publicar oportunamente.

É pronto. Até de hoje a quinze dias se Deus quiser.

Júlio Mendes

## PELAS CASAS DO GAIATO



### LAR DO PORTO

Como já há bastante tempo não damos notícias deste Lar, cá estou a fazer mais uma vez as vezes do cronista, que presentemente é o chefe, o Alberto, que diz não ter tempo.

Mas, ó Alberto, não será também um pouco de preguiça?

— Para o ano vindeiro, parece-me que vamos ter um quarteto nas fileiras do Exército Português. A não ser que, na junta inspeccionária eliminem alguns, o que aliás é justo, pois pelo menos dois dos meus «filhos» são uns fraquitos.

— A nossa casa está muito velha e quem passar na Rua D. João IV, 682 e vir vidros partidos nas janelas da mesma, já sabe que é o Lar do Gaiato! Mas olhem que não é apenas desleixo... não. É que quantos vidros se põem, quantos são partidos, pois as janelas são muito velhas e cá para nós, a Santa Casa já podia ter tido mais alguma misericórdia com o nosso velhinho Lar.

— A falta de cozinheiros tem sido, aliás, como sempre, uma razão. «Todos querem comer, mas ninguém quer cozinhar», e como agora a falta atingiu o limite, temos que nos arranjar mais do que nunca com a prata da casa. Mas o que nos tem valido mais é o *Vila do Conde* que é muito trabalhador e muito cumpridor dos seus deveres. Ele é uma categoria, pois até já ganhou o «Prémio Nobel» das limpezas das casas em Paço de Sousa.

— A matança do porco, «com vossa licença», como de costume efectuou-se com muita alegria e alguma rapidez, pois também era melhor que com cerca de 20 ajudantes, o matador se não tivesse feito o serviço rapidamente!

Éramos muitos, mas mesmo assim não impedimos que nos fugisse a vítima depois de a termos pronta para a operação. Em suma, uma malta de azelhas!

O matador é um colega do Teixeira o qual tem sido incansável neste favor que todos os anos nos faz. Muito obrigado.

Depois de muita confusão e algum sangue perdido, porque o Baptista com medo que o sangue estragasse o relógio, deixou o alguidar sem mais quê nem para quê... mas vá lá que ainda aproveitámos um bom bocado.

**Africa cont. da pág. anterior**  
ses, ou para portuguesas — tem de ser muito diferente. Convinha mesmo que o fósse, para transmontano e algarvio.

Eu creio que se filiam, neste imediato esquecimento do homem (posto ele, e o seu bem, estejam, como finalidade na origem de toda a acção), creio que se filiam no esquecimento do homem concreto a quem a Obra se destina, as razões de um certo insucesso, de um menor rendimento do que a materialidade da Obra nos permitiria esperar, a má correspondência, em parte ingrata, em parte menos culpável, de alguns colonos.

Esperamos poder continuar.

O Senhor Padre Carlos, no dia seguinte cá apareceu ao cheiro das papas de sarrabulho, mas como este manjar não é especialidade da Senhora o Senhor Padre viu-as passar desviadas. Comeu uma febrida e já andou com sorte!

Os amigos leitores, já estão mesmo a adivinhar porque é que quase todos querem ajudar a matar o suíno.

É que no fim de tudo há sempre umas febras e uma pingueta, o que não sabe nada mal!

Porém, como para o fim de tudo ficam apenas os maiores, devido à lavagem das tripas deitarem até bastante tarde, os mais pequenos no dia seguinte, comentam e criticam:

«Só vocês é que comeram e beberam... Nós que trabalhamos mais (com a língua), não tivemos nada!»

Para a próxima também não ajudamos.

— Já que estou com a caneta na mão, aproveito a ocasião para agradecer à Senhora de Leça do Balio, as bellissimas mobílias que nos ofereceu já por duas vezes. Da primeira foi uma mobília completa de sala de jantar, a qual foi para Paço de Sousa. Desta vez, é um guarda-roupa, um guarda-louça, uma mesa e um armário de cozinha, não fomos no andar e por conseguinte estas bellissimas peças ficaram em nosso poder e postas no seu lugar antes que o Senhor Padre chegasse.

— Agradecemos ainda às nossas muito amigas vendedeiras do Bolhão, que nos têm dado muita coisa em que, por conseguinte, não gastamos, como hortaliças, frutas, etc.

Fernando Dias

### Venda do Jornal no Porto

Desculpem-me se este artigo vai mal. É a primeira vez que escrevo para o jornal.

Com respeito à venda do Gaiato no Porto ainda podia ser melhor mas um bocadinho. Eu vendo à frente da Igreja dos Congregados e na Igreja do Carmo. Ora como estas Igrejas são bons lugares apenas lá vendo pouco mais de duzentos! Talvez por eu não ter um bocadinho de jeito, mas muitas vezes vejo-me à nora para despaçar esta pequena quantidade. Eu só peço aos senhores que procurem ajudar-nos o mais possível, e comprem este tão pequeno jornal mas que tem palavras sagradas. O jornal não só se vende nestas duas Igrejas a que eu me referi, mas vende-se em toda a parte da cidade. Se os senhores pensarem bem um bocadinho haviam de dizer se nós temos ou não razão para falar. Muitas das vezes perguntam-me se vendi muitos e eu digo que podia ter vendido mais... Este jornal foi fundado por um Homem que nós conhecemos e que nunca nos havemos de esquecer. A Obra continua. Tudo continua na mesma.

Por isso este pequeno-grande jornal deve ser vendido em maior quantidade do que tem sido.

Os senhores animem!

E era só isto que eu queria dizer sobre a venda do Gaiato na cidade do Porto que tão bela é.

Cumprimentos do,

Chico

# O que nos dão no Tojal

Como prometi na última, aqui vai o que nos têm dado no Montepio. E antes de mais, um agradecimento a quem lá manda e trabalha, pelo donativo do Natal e pelo trabalho e gentileza que têm tido connosco. Um anónimo todos os meses e mais outro e Alice como de costume. Mais V. Fonseca e Ilda, para nós, Património e Belenitas. Mais um anónimo e V. Mendonça e F. Cascais, concerteza a filha duma nossa grande Amiga, que ali trabalhou muito tempo e Deus agora chamou a Si. A. Tavares com quase mil. Mais outro anónimo e E. Melo em recordação dos seus entes queridos. Uma portuense com quantias para nós, Calvário, e Paço de Sousa, e Belenitas. Alice novamente com o mesmo. Mais F. Pereira e o ordenado de um aluno cadete. Uma carta para nós, Calvário e Barredo.

Mais a cota de Dezembro de um Senhor Coronel. L. Gomes e outro anónimo. E os Empregados do Crédito Predial que aparecem de vez em

quando. Uma Lurdes de Lisboa e um «pecador» com outro tanto para Belém. Um amigo com vinte e F. Lage com 50\$. De Estoril mil. E metade de Nazaré e nota e meia de M. Jardim. E seis delas de F.M.B.H.. E além disto uma lista enorme de assinaturas pagas zelosamente, algumas em migalhas e outras por inteiro.

E agora o Tojal. É alguém que aparece a pedir muitas benções de Deus para nós e a conversão do marido. A Petroquímica por intermédio dum Senhor Engenheiro amigo também não nos esqueceu com a quantia dos outros anos. Em cumprimento duma promessa feita ao Pai Américo 355\$50 e mais para quatro missas e o resto para o mais necessário. São tantas as necessidades, que isto mais parece um poço sem fundo. De uma Lisboaeta, que é de opinião que as dádivas dos Lisboaetas devem ser para a Casa do Tojal. Apoiado. Mais O Senhor Engenheiro Fernando que trouxe até nós a Hidro-Eléctrica. De uma Maria

Paixão duzentos e uma assinante a pagar por um amigo do Congo com mais cem e uma casa para o Património. Mais assinantes em dia e mais cem para os Pobres. De tão poucas vezes que lá vou, andam muito esquecidos neste jornal. Mais as visitas repetidas duma Senhora que trouxe cotim e duas peças de flanela, rebuçados e bolos para uma merenda farta dos cento e tal que somos. Mais roupas velhas para fazer novas. E doutra vez a mala do carro cheia de plantas para o nosso que o Jardim Primavera lhe ofereceu. Casa do Gaiato com flores diz muito bem. E de uma senhora 50. E outro tanto para ajudar a renda da Casa. Aqui entenda-se o Lar, onde dispendemos nada menos de três mil, enquanto não aparecer alguém que diga: alto! Aos anos que ali estamos já se foram em renda quase duzentos contos. Se quem dizesse e tivesse pena... Mas normalmente aqueles a quem falamos no muito que têm, julgam-se sempre os mais pobrezinhos deste mundo! Mais do Senhor Padre que acompanhava os Pupilos do Exército. Mais doutra senhora das Picoas que passa a mandar para o Tojal, a sua mensalidade. Mais apoiado. Que os e as Lisboaetas despertem todos e façam o mesmo. Esta casa é a sua. Mais 300 na Caixa do Correio do Lar, os costumados cinquenta da Senhora do Pão pela saúde de quem roga uma prece. Mais: há dias no Lar quatro mil de três irmãos, lembrança de sua falecida mãe O. C. T. S. F.. Deus a tenha em bom lugar. Aos vendedores de hoje em Arroios 150 em carta e cem em S. Sebastião. Por fim os últimos visitantes desta tarde com 20 e 500, mais 5, mais metade e ainda 82\$50. Um casal que todos os anos paga a sua assinatura com cortes de cotim, chita e fazenda. E eu que andava tão triste por ver os meus rapazes em Lisboa mal vestidos, a venderem o jornal. Quem os quer ver daqui em diante?

Vem aí a Primavera e os dias belos para passeio. Quem não gostará de vir por aqui? Hoje mesmo alguém dizia: «isto vale pelo melhor espectáculo. Há aqui tanto que ver...» E não era a primeira vez! Os Gaiatos do Tojal, ficam ao fechar desta, de sorriso nos lábios e olhos no horizonte a ver o que nos vem de Lisboa.

Padre Acílio

Padre José Maria

# Setúbal

Era uma vez eu (costumava expressar-se Pai Américo nas narrativas deste género) que fui por aí abaixo à procura da mulher que nos pagasse a nossa máquina de alfaiataria. A empresa fez-nos 30% e faltavam 5.500\$00. Eles não de vir de algum lado e aí fui eu bater às portas. Cumprí o meu dever, que tanto é de dar como de pedir — embora a primeira faceta seja bem mais agradável.

Bati a certa porta. Presentia um não, mas nem por isso recuei. Pedir é nosso dever. Receber não é connosco.

A porta abriu-se só a meias. O multimilionário apareceu à entrada e ali me recebeu. Disse ao que vinha. Invoquei as necessidades dos meus cento e seis. Realcei o brilho que dá à nossa casa uma oficina e o valor que ela tem na recuperação dos abandonados. Disse ainda do sem número de pedidos que tenho e da necessidade de serem atendidos. De nada valeu. O meu visitado ou estava de peito feito, ou fê-lo então.

Que fizesse uma exposição ao Ministro... Que isso são coisas

do Estado. Que o Estado nos leve tudo!

Parece incrível, pois foi também à custa do Estado que os seus mil multiplicaram!

Vim-me embora. Foi uma boa lição. Por ela valeu a pena a humilhação sofrida. Nunca como naquele dia gostei de ser pobre! Cristo e os meus irmãos também assim são. Se de outro modo haveria tração.

A ambição cega os homens. Se dão cinquenta ou cem julgam o seu dever cumprido. Não fazem proporções. Não conhecem que a medida do dar está na do possuir.

Por isso eu vim triste. Tristeza que não nascia das minhas mãos vazias, mas do vazio que enche a alma deste nosso irmão. Há-de ser a nossa pobreza e a tua pobreza que não de redimir espíritos tão materializados como este. Manda-me tu do pão com que tens de matar a fome. Só sacrificios tão heroicos poderão redimir uma avareza tão arreigada!

## IMPÉRIO DE LISBOA

16 DE MAIO — ÀS 18 HORAS

## TEATRO AVENIDA — COIMBRA

1 DE MAIO — ÀS 21,30 HORAS